

LINHA D'ÁGUA, AS CRÔNICAS DE L. RUAS

Karoline Azevedo Duarte (UFAM)¹
Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)²

RESUMO: Este artigo resultou da pesquisa de iniciação científica, como voluntária, executada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, intitulada Crônicas manhentas – a ficção de L. Ruas, que teve o objetivo geral de pesquisar a crônica literária de Luiz Ruas, em seu livro *Linha d'água*, do ponto de vista da temática e dos recursos poéticos, empregando, como quadro teórico, as ideias de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes sobre essa forma literária. Os objetivos específicos corresponderam a: primeiro, fazer o histórico da crônica em suas modalidades, delimitando esse histórico para a crônica literária, no caso, o livro *Linha d'água*; e segundo, selecionar os temas das crônicas de *Linha d'água*, de Luiz Ruas, para posterior análise literária. As crônicas “Um amigo” e “Orfandade” foram escolhidas para serem analisadas porque reúnem o tema da amizade. A pesquisa foi bibliográfica e o quadro teórico constituiu-se de textos sobre as modalidades da crônica, tendo em vista que não há uma teoria da crônica, mas sim discussões a respeito de que esse tipo de texto literário possui diferentes formas e estilos, dependendo do autor que a escreve. A pesquisa, concluída com este artigo, integra as investigações do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, na linha de pesquisa Prosa de Ficção.

PALAVRAS-CHAVE: crônica literária, crônica jornalística, *Linha d'água*, L. Ruas, literatura no Amazonas

ABSTRACT: This article results of the scientific initiation research, as a volunteer, carried out by the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, titled Crônicas manhentas - a ficção de L. Ruas, which had the general objective of researching the literary chronicle of Luiz Ruas, in his book *Linha d'água*, from the point of view of the theme and poetic resources, using, as a theoretical framework, the ideas of Carlos Reis and Ana Cristina Lopes on this literary form called chronicle. The specific objectives corresponded to: first, to make the history of the chronicle in its modalities, delimiting this history for the literary chronicle, in this case, the book *Linha d'água*; and second, to select the themes of the *Linha d'água* chronicles, by Luiz Ruas, for later literary analysis. The chronicles "Um amigo" and "Orfandade" were chosen to be analyzed because they meet the theme of friendship. The research was bibliographical and the theoretical framework consisted of texts on the modalities of the chronicle, considering that there is no chronicle theory, but rather discussions about the fact that this type of literary text has different forms and styles depending on the author who writes it. The research, completed with this article, integrates the investigations of the Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Portuguesa - GEPELIP, in the line of research Prose of Fiction.

¹Discente do curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM; voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC; integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.

² Doutora em Letras pela PUC- Rio. Professora do Curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa e do Programa de Pós Graduação em Letras na UFAM. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.

KEYWORDS: chronic literary, chronic journalism, *Linha d'água*, L. Ruas, literature in the Amazon

INTRODUÇÃO

Luiz Augusto de Lima Ruas, conhecido artisticamente como L. Ruas, nasceu em Manaus, no dia 28 de novembro de 1931. Segundo Tenório Telles e Marcos Frederico Krüger Aleixo (2006), Ruas cursou Filosofia no Seminário Metropolitano de Fortaleza e cursou Teologia no Rio de Janeiro, no Seminário São José e se tornou Padre. Foi jornalista e lecionou em escolas do nível médio de Manaus e na Universidade Federal do Amazonas. Era membro do Clube da Madrugada e, em 1964, após a implantação da ditadura militar, foi vítima de perseguições políticas por causa de suas posições progressistas. No dia 1º de abril de 2000 faleceu em Manaus.

A respeito de L. Ruas, o poeta Elson Farias escreve: tratava-se de uma pessoa que iluminava o ambiente onde circulava, ao presidir rituais da Igreja “com rara devoção, nas salas de aula e nas reuniões boêmias da cidade, com o carisma de sua simpatia, o vigor da inteligência e a expressão de um grande talento.” (FARIAS, 2010, p. 9).

L. Ruas é consagrado poeta pela publicação do livro *Aparição do clown*, obra sobre a qual há ensaios, estudos e dissertação de mestrado, como se observa em *Interpretação do clown*, de André Araújo, *Aparição do clown*, do Padre Nonato Pinheiro, *A poesia como metáfora do sagrado*, de Tenório Telles, *Pássaro em voo*, de Rogel Samuel, e *Sobre Aparição do clown*, de Jorge Tufic, artigos organizados pelo pesquisador Roberto Mendonça no livro *Intérpretes de Aparição do clown*, publicado em 2010.

Os outros livros de Ruas são *Linha d'água*, crônicas, em 1970, *Os graus do poético*, ensaios sobre cinema e literatura, em 1979, e *Poemeu*, poesia, em 1985.

O livro de crônicas *Linha d'água* constituiu-se no *corpus* desta pesquisa em andamento, exatamente porque há poucos estudos a respeito dessa obra, que teve apenas uma edição, feita pelas Edições Fundação Cultural do Amazonas junto com a Editora Artenova, na supracitada data. A esse respeito, o pesquisador Roberto Mendonça informa que os textos desse livro foram publicados no jornal *A Crítica* (2013, p. 154).

A escrita chamada crônica, segundo Massaud Moisés,

oscila entre jornalismo e literatura. Estampada em jornais e revistas, a crônica sofre a efemeridade inerente a qualquer notícia, razão por que, com o passar dos anos, geralmente envelhece e perde o interesse. As que sobrevivem a esse desgaste irreparável, ou que o autor julga

merecedoras de se perpetuarem na memória dos leitores, são resgatadas em forma de livro (2008, p. 237-238).

As crônicas de L. Ruas possuem esse traço de hibridismo entre o jornalismo e a literatura, conforme se verificou nas análises propostas.

Segundo ainda Moisés, a crônica, em sua etimologia, está ligado ao dia-a-dia, um episódio cotidiano que é suficiente para deflagrar a imaginação do cronista que descreve os acontecimentos com a função de entreter o leitor e contribuir para aprimorar o seu modo de ver a realidade.

Diferentes temas são tratados nas crônicas de L. Ruas, sendo um deles a religiosidade, e, além disso, as dimensões sociais e psicológicas dos textos situam o autor como um bom cronista, que prende a atenção e comove do leitor.

O livro objeto desta investigação, *Linha d'água*, de L. Ruas oferece campo diversificado para a pesquisa, tendo em vista que não apenas essa obra tem sido pouco estudada como também a forma da crônica, embora desde muito cedo tenham passado na Amazônia os relatores das viagens de expedições científicas que escreveram crônicas de informação a respeito da região, e que exerceram papel fundamental para o conhecimento e história do Amazonas. No século XVI, a Amazônia começou a ser relatada e conhecida, ocasião em que quando foram lavrados os primeiros escritos a respeito deste território por parte dos cronistas das expedições pioneiras.

Os estudos a respeito da crônica literária escrita em Manaus ainda são escassos, sendo necessário tanto realizar pesquisa sobre textos científicos em forma de ensaios ou de crítica literária, além de fazer um levantamento das produções nessa modalidade.

A CRÔNICA – DA HISTORIOGRAFIA À LITERATURA

Segundo Carlos Reis & Ana Cristina Lopes, no *Dicionário de Narratologia*, o termo crônica, que designa um tipo de narrativa, apresenta uma problematização em sua escrita, visto que não é um gênero especificamente literário como o são o romance, a tragédia ou a écloga, do ponto de vista do cânone literário.

Este tipo de narrativa denominada crônica aponta em sua etimologia (do grego *chronos*, “tempo”), a temporalidade como característica inerente a ela, e é isto que justifica o fato de a crônica se apresentar como relato historiográfico medieval e como texto de imprensa.

A crônica como narrativa historiográfica corresponde à dinâmica de registrar os eventos como princípio da construção narrativa dotada de configuração temporal. A narrativa historiográfica medieval se utiliza das informações retiradas dos documentos e, quando estes não suprem a necessidade do cronista, é adicionada à ficcionalização para dar conta de um dos propósitos principais da crônica, como se lê na crônica medieval, que é destacar um herói, cujo trajeto dá o desenvolvimento da narrativa.

O registro de um fato, a narrativa de um acontecimento, denominado como crônica de imprensa, normalmente é retirado do cotidiano, mas longe de ser somente uma narrativa descritiva fiel à realidade, o cronista acrescenta a esta narração elementos que realçam o texto, tais como dimensões culturais, sociais, ideológicas, psicológicas, e é isto que a torna diferente de uma simples descrição feita por um observador que não seja o cronista.

Em síntese, para Reis & Lopes, Para Reis e Lopes há duas grandes acepções de crônica, a que se caracteriza como relato historiográfico medieval e a que se configura como texto para ser publicado em um veículo de imprensa. No primeiro tipo prevalece a dinâmica dos eventos para a construção narrativa que respeita a ordenação cronológica. Os relatos nem sempre se baseiam em documentos, havendo evidência de que eles são parcial ou completamente ficcionalizados. Nesse caso, o propósito consiste em exaltar feitos heroicos, atitudes abnegadas e gestos magnânicos para criar no leitor exemplos de conduta a serem seguidos.

No segundo tipo, a crônica de imprensa, prevalece o registro de um fato ou incidente de dimensões culturais, retirado do cotidiano e mostrado como aparentemente sem relevância, o qual escapa da atenção das pessoas desatentas. O discurso é pessoal e se aproxima do discurso do narrador do texto ficcional. Às vezes o cronista adota uma posição em princípio exterior aos fatos e que se aproxima da narração literária. Esse tipo de crônica, muitas vezes, possui caráter pedagógico e ideológico por meio do discurso acessível a um número significativo de leitores. Pode ser classificada em literária, de cinema, de moda etc. Esse tipo de crônica possui aproximação com o folhetim, por sua função lúdica, e com a epistolografia, pelo tom dialogado e interpelativo e familiar da carta.

Reis & Lopes esclarecem, por fim, que a crônica corre o risco de se afastar da preferência do leitor quando ela se aproxima do ensaio, quando ela se torna muito subjetiva e lírica ou quando nela prevalece a carga cronológica. Por outro lado, quando a

crônica possui caráter paraliterário e competência narrativa, ela preserva o interesse do leitor.

A CRÔNICA NO BRASIL

Afrânio Coutinho, em *A literatura no Brasil* (1986, p. 120 a 136), utiliza-se da definição do termo crônica retirado do *Dicionário de Moraes* para estabelecer um significado tradicional, e assim a define como sendo “historia escrita conforme a ordem dos tempos, referindo a eles as coisas, que se narram.” (1986, p. 120). A partir daí, Frei Domingos Vieira define crônica como “Anais pela ordem dos tempos, por oposição à história em que os fatos são estudados nas suas causas e consequências”. (1986, p. 120)

Acredita-se que em meados do século XIX, o termo crônica foi sofrendo transformações em sua semântica, e assim foi incorporado o sentido atualmente difundido em literatura, que é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo.

Este gênero era então apresentado em uma seção de jornal semanal, composto de assuntos marcantes da semana. O uso da palavra crônica, além de indicar um relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais, passou a ser definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia. Dessa forma, “crônica” incorporou um novo sentido, passou a ser um gênero literário de prosa, apresentado em jornais ou revistas.

Segundo Coutinho, a acepção do vocábulo evoluiu, e isto é notório, “designando também, o comentário ligeiro ou a divagação pessoal feita com bom gosto literário, ligada estreitamente à ideia da imprensa periódica” (1986, p. 121). É também um gênero ligado intimamente ao seu veículo natural, o jornal. Tristão Athayde define: “uma crônica num livro é como um passarinho afogado”, porque esse modo de escrever fica fora de contexto quando é publicado posteriormente a sua publicação em jornal, sendo reunidas algumas crônicas para formarem um livro. Para muitos críticos este gênero é considerado uma arte menor, e ele somente será considerado gênero literário quando apresenta qualidade literária, ou seja, somente “ao libertar-se da sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor”. (1986, p. 123)

Ainda no século XIX, a crônica passou a ser ligada à ideia de grande imprensa como também é reconhecida hoje. Mas, conforme Afrânio Coutinho, somente incorporou-se aos hábitos da nossa imprensa quando se deu a modernização e desenvolvimento da imprensa. Com o aumento do número de páginas das edições, os cronistas passam a adotar as ilustrações a pena e os clichês fotográficos. O jornal se

enriquece de atrativos, dispondo de maior espaço e, com noticiário, a crônica se transforma em matéria cotidiana. Com o tempo, o número de revistas ilustradas e jornais com publicações semanais foram se expandido, e, então, dois gêneros ganham espaço na imprensa brasileira, a caricatura e a crônica.

O historiador da literatura, Coutinho, esclarece que o jornal evoluiu e cresceu em meio ao surgimento do Romantismo, o que contribuiu para um acentuado lirismo da crônica, desde suas primeiras publicações. O jornal dessa época tinha um objetivo principal, que era o de entreter, e, com esse propósito, a crônica informava os fatos semanais ou mensais de forma bem suave e compreensível a todas as camadas sociais, o que o tornava bastante atrativo aos variados leitores. A crônica exerceu sensível efeito na vida social brasileira.

Os cronistas literários eram também os poetas, e suas poesias, em determinadas circunstâncias, não deixavam de ter certo ar de crônica. Vários são os poetas que adquiriram este molde, como exemplo, pode-se mencionar Joaquim Norberto, “quando, no poema “A confissão”, descreveu o Rio de Janeiro do tempo do velho entrudo e construiu assim uma crônica em versos”. (1986, p. 123-124).

Coutinho informa que os romances urbanos tinham um desenvolvimento naturalmente surgido a partir da crônica, porque os cronistas foram os primeiros romancistas. Exemplo é a ficção picaresca das *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, o mais notável deles, que contém características inconfundíveis surgidas da crônica que “contribuíram para o êxito desta narrativa”. (1986, p. 124).

O historiador da literatura acrescenta que, naquela época, a crônica ou folhetim, como também era conhecida, desdobrada em romance, deixava transparecer suas características naturais, seja no estilo do escritor, seja no trecho de um ou outro capítulo, e isto tornou-se mais ou menos comum. Ambos os gêneros, a crônica e o romance, Concorreram para que permanecessem sobre o mesmo título nos jornais, o de folhetim. Folhetim era o romance, a novela e a crônica, quando publicado em jornal.

Coutinho faz o seguinte levantamento sobre os primeiros cronistas no Brasil: A crônica brasileira começou com Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889) em folhetim no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro (2 de Dezembro 1852). Também veio a aparecer no Correio Mercantil do Rio de Janeiro até 1854. Nessa mesma época, José de Alencar deu à crônica a mais alta categoria intelectual. Foi ele quem veio a

substituir Francisco Otaviano no folhetim do Correio Mercantil. Sobre o título de “Páginas menores” suas crônicas apareciam alternadamente com algumas de Manuel de Antônio de Almeida. Sob este título há um sentido de inferioridade com relação ao gênero, que permeia a crônica até os dias de hoje. Isso se deve ao fato de que os próprios escritores desse modo de escrever acreditavam que suas crônicas não resistiriam muito tempo. E, contudo, foi ela que deu abertura à escrita do romance nos jornais, e este alimentou a fantasia dos leitores.

A crônica, sobretudo, cumpre o papel de agente de correção dos costumes, com as escritas por José de Alencar que narrava “os fatos da semana, desde um simples acidente policial até os acontecimentos da guerra do Oriente” (1986, p. 125).

Coutinho esclarece que esse gênero, ao mesmo tempo em que sofreu diversas transformações, no final do século XIX, sofreu também ataques por parte da crítica naturalista, porque ela mistura fantasia com realidade. Melo Moraes Filho e França Júnior escreveram crônicas que possuem um teor artístico com tendências do Parnasianismo a que aderiram como modo literário. A essa época, porém, a crônica tinha aparência diversa. Dois exemplos cabem ser registrados: Sob a influência do Parnasianismo, a crônica falhava sempre por causa do rigor formal, enquanto sob a influência do Simbolismo, a crônica apresentava longas divagações que deixavam o leitor entorpecido.

Para Afrânio Coutinho, Paulo Barreto, conhecido pelo pseudônimo de João do Rio foi o iniciador da crônica moderna no Brasil. A obra desse cronista demonstra ousadia de tentar elevar a crônica a um gênero dominante. Segundo ele, a crônica podia ser “o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro” (1986, p. 128), mas suas crônicas possuíam seu modo de ver os fatos, movido pela fantasia. Entretanto ele sempre tinha a preocupação de produzir história social, através da crônica. Coutinho afirma que, “após a revolução de João do Rio, foi preciso o que viesse a Semana de Arte Moderna”, para que a crônica se adaptasse ao estilo do momento (1986, p. 130)

Para o historiador da literatura brasileira, Afrânio Coutinho, Outro cronista que merece destaque por cumprir papel semelhante ao de João do Rio é Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), escritor paulista que introduziu na crônica um estilo antiacadêmico, que ia contra um tipo de “literatura modorrenta e afetada que tentava sobreviver” (COUTINHO, 1986, p. 130). Alcântara Machado forneceu uma base para que um novo gênero de crônica surgisse. Assim, a crônica passa por uma revolução.

Coutinho informa que, sobre a atmosfera de renovação pós-1930, esse gênero se desenvolveu sob novos e múltiplos aspectos, com Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Peregrino Júnior, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado e Rubem Braga entre outros.

O historiador da literatura classifica os diferentes tipos de crônica, que se apresenta a seguir:

- a) crônica narrativa - possui uma estória ou episódio, aproximando-se, por isso, do conto, sobretudo depois que o conto transgrediu as tradicionais características do começo, meio e fim.
- b) crônica metafísica - possui reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos.
- c) crônica poema-em-prosa - possui conteúdo lírico, mostrando o extravasamento da alma do artista diante de fatos da vida.
- d) crônica-comentário dos acontecimentos – acumula assuntos diferentes, de acordo com as questões da atualidade do escritor.
- e) crônica-informação – narra os fatos tecendo sobre eles comentários ligeiros.

Essa classificação não impõe uma separação bem delimitada entre aos tipos de crônicas, pois, ao contrário, eles frequentemente se interligam.

Afrânio Coutinho destaca a relação entre a crônica e a reportagem, a linguagem, o estilo, a literatura, a filosofia bem como a relação da crônica de jornal com as crônicas reunidas para publicação no formato em livro. Segundo ele, enquanto a reportagem possui a finalidade de informar um fato o mais próximo de como ele aconteceu na realidade objetiva, a crônica consiste em uma escrita subjetiva e às vezes lírica, que, por isso, transfigura um fato, sendo este usado como pretexto para divagações e a imaginação artística.

Quanto à relação entre a crônica e a linguagem, especificamente a língua, esta é empregada na vida diária em várias modalidades, conforme a situação e ambientes, no emprego, na escola, em uma festa. Na crônica, a língua deve também refletir o espírito da época, podendo ser usados a gíria, os epítetos circunstanciais e os jogos de palavras, conforme o estilo do escritor. A língua é responsável pelo êxito da maioria das crônicas.

Ainda a respeito da língua da crônica, Coutinho ressalta que a crônica tem contribuído para a diferenciação da língua entre Brasil e Portugal, por causa do uso coloquialismo e a dramaticidade que é parte da vida diária.

A respeito de seu estilo, a crônica deve ter o tom de conversa, favorecendo uma espécie de diálogo entre o escritor e o leitor, mesmo com o risco de esse diálogo se perder.

A respeito de sua relação com a literatura, a crônica é literária quando se afasta do estilo da reportagem e, ao mesmo tempo, interliga traços literários com traços do jornalismo. Esse fator depende do modo de cada autor de crônica escrever e construir as ideias.

Quanto ao elo entre a crônica e a filosofia, esta, se empregada sem dogmatismo, fornece mais consistência e unidade às ideias.

Sobre o fato de os textos cronísticos serem reunidos e publicados no formato de livro, Coutinho afirma que isso ocorre porque a crônica é um “gênero anfíbio”, mas adverte que o fato de a crônica ser publicada em livro não assegura a sua sobrevivência ao longo do tempo, embora amplie o campo de sua divulgação. O historiador da literatura brasileira conclui: “a crônica que não haja pago excessivo tributo à frivolidade ou não seja uma simples reportagem, estará sempre a salvo, como obra de pensamento ou de arte, embora não saia nunca das folhas de um periódico” (1986, p. 135).

Coutinho destaca, também, que a crônica se impõe na preferência dos leitores de jornal por causa de seu espírito de independência perante a linha de pensamento, às vezes ortodoxa, da direção do jornal onde ela é veiculada e mesmo diante do pensamento da maioria das pessoas da época do cronista, porque ela possui caráter individual e por causa do efeito que ela produz nos leitores, de concordância ou de contestação a respeito de uma questão da atualidade ou da natureza do homem.

Afrânio Coutinho finaliza o levantamento histórico da crônica no Brasil esclarecendo que, a partir do Romantismo, a crônica foi assumindo características próprias e nacionais, tornando-se uma das representantes da nacionalidade quanto à língua, ao estilo, aos assuntos e às técnicas. Pelo seu desenvolvimento a crônica recebeu proporções inéditas na literatura brasileira e é uma forma literária específica, autônoma e de requintado valor estético.

Em suma, o citado historiador conclui que a crônica é caracterizada de um lado por sua natureza literária e, por outro, por sua natureza ensaística. Pelo primeiro traço ela se distingue do jornalismo, porque a crônica apesar de ser ligada mais ao jornal, não

utiliza o fato como seu objetivo principal somente para informar, ela utiliza os fatos como meio ou pretexto para narrar os acontecimentos de uma forma imaginativa. Pelo segundo traço, a natureza ensaística da crônica aproxima-a do tipo de ensaio inglês (COUTINHO, 1986, p. 119 e 136), em que a escrita geralmente é informal, pessoal, familiar, em linguagem coloquial, sem estrutura preestabelecida, mostrando o espírito livre do cronista diante de fatos, pessoas, paisagens, experiências e até de teorias.

O ensaio inglês pode ser: de impressão, pessoal, de personagem e descritivo. Quando a escrita do ensaio inglês é formal, ele é também chamado de ensaio de julgamento, e a linguagem empregada é austera, pois o cronista analisa, por meio de argumentos, e conclui a respeito de um tema polêmico. Mas esse último tipo de ensaio não está relacionado com a natureza da crônica no Brasil.

Coutinho termina o histórico citando Eduardo Portela, para quem

o fundamental na crônica é a superação de sua base jornalística e urbana em busca da transcendência, “seja construindo ‘uma vida além da notícia’, seja enriquecendo a notícia “com elementos de tipo psicológico, metafísico”, ou com o *humour*, seja fazendo o “subjativismo do artista” sobrepor-se “à preocupação objetiva do cronista” (PORTELA apud COUTINHO, 1986, p. 136)

A citação acima transcrita é importante para Coutinho, tendo em vista que a ideia de Portela se constitui em uma síntese muito consistente do modo de escrever que se chama crônica.

O LIVRO DE CRÔNICAS LINHA D'ÁGUA:

Linha d'água, publicado em 1970, pelas Edições Fundação Cultural do Amazonas, em Manaus, em parceria com a Gráfica e Editora Artenova Ltda, no Rio de Janeiro, possui a capa de autoria de Walney de Almeida e prefácio de Luiz de Miranda Corrêa. Essa é a única publicação do livro que é o objeto desta pesquisa.

O prefácio trata da importância do Governador do Estado do Amazonas, Arthur Cezar Ferreira Reis, para o fomento à publicação de livros de autores no citado Estado, por meio da Fundação Cultural do Amazonas. Em seguida, Corrêa escreve que

a linguagem de L. Ruas pode ser dura ou amena, sua prosa pode fluir desenvolta, nos conta fatos de si mesmo, revelando um espírito formado no cristianismo, e, revoltado, às vezes, contra certas distorções do cristianismo em nosso mundo. E nos fala das dificuldades de um povo, do seu povo, do meu povo, lutando contra a incompreensão, contra a má vontade, contra os índices altos nas doenças e na prostituição, baixos na cultura e nos meios de vida (CORRÊA In RUAS, 1970, p. 8).

Este é o primeiro comentário a respeito das crônicas reunidas em *Linha d'água* e antecipa alguns aspectos que também fazem parte da obra em forma de poema de L. Ruas, a crítica social expressada por meio da linguagem às vezes ríspida e sempre fluida, certo individualismo no modo de mostrar as ideias.

Embora o pesquisador Roberto Mendonça tenha esclarecido, em *L. Ruas - poesia reunida*, que os textos desse livro foram publicados no ano de 1970 no jornal *A Crítica* (2013, p. 154), as crônicas de *Linha d'água* não estão datadas com a primeira publicação no citado jornal. Isso descontextualiza os textos, retira seu caráter de efêmero e mostra a atualidade dos temas apresentados mesmo agora no início do século XXI.

O citado livro formado por 49 crônicas, com os temas que possuem ser assim distribuídos: amizade, crítica social, santidade, solidão, arte de viver e crítica de arte. O tema da amizade aparece principalmente na crônica *Amigo* e se encontra desenvolvido em outras. A crítica social, marcada ora pelo rigor de opinião próximo do julgamento, ora pelo humor leve, ora por poemas, consiste no tema predominante. Os temas sobre a arte de viver e a crítica de arte possuem quantidade aproximada e se relacionam, de certo modo, com os temas da amizade e da crítica social, pois estabelecem maneiras diferentes e alternativas possíveis de participar da vida em sintonia com as outras pessoas.

Crônicas “Um amigo” e “Orfandade”

A primeira crônica apresentada no livro *Linha D'Água* é intitulada “Um amigo”. Em primeira análise foi verificada uma linguagem descontraída, em que o narrador utiliza para melhor aproximação com o leitor, e coloquial, característica comum à crônica, que permeia boa parte da narrativa com um toque de humor para bem envolver o leitor.

No primeiro parágrafo tem-se a impressão de que o narrador está direcionando o diálogo para nós, leitores, e para isso utiliza-se de pronomes oblíquos e possessivos na segunda pessoa do singular para se referir a esta pessoa que ainda não se sabe quem é, mas suspeita-se. Esta dúvida estende-se até o segundo parágrafo, mas com o desenvolvimento da narrativa será possível identificar com quem o narrador conversa e de quem ele fala.

No segundo parágrafo fica claro que o narrador fala de alguém e este é o seu amigo. A partir daí o narrador constrói um cenário da vida cotidiana de Manaus ao mesmo tempo em que revela ter um forte laço de amizade com seu amigo, ao citar locais em que

eles gostavam de frequentar e que ele bem sabia quais eram, como a "Insinuante", local bastante frequentado pelos dois. A relação de amizade percebida entre os dois é de grande saudade, esta causada pela distância entre eles e descrita de várias maneiras durante a narrativa. As nuances desta amizade são representadas metaforicamente por meio das cores dos balões que o narrador vê e por meio dos quais ele relembra da sua infância, assim a amizade é descrita como momentos tristes e alegres, com seu pico e seu ponto mais baixo. Na infância, as amizades são mais consistentes e duradouras, já que, quando criança há uma liberdade de ações vividas pelas crianças.

No seguinte trecho da crônica Amigo: “já pensou no papel ridículo que vai fazer andando com balões, pela rua, a essa hora do dia?”, o narrador se dá conta por meio da fala do vendedor de balões, que já não pode usufruir da liberdade da criança que um dia experimentou e essa sensação se parece com esta de não ter mais a presença de seu amigo.

Na segunda parte da crônica, o narrador inicia, novamente, um modo descontraído de falar para destacar a importância de escrever sobre as pessoas, e em especial sobre seu amigo. Este amigo é difícil de ser descrito, por ser quem ele é, complexo, ou seja, uma pessoa que mostra ser quem ela realmente é. O narrador descreve seu amigo para apresentar-nos o que é ter uma amizade verdadeira e sólida. E esta não se constitui no ato de conhecer o outro em sua totalidade, não é este o ponto final da amizade e sim do amor, como bem coloca o narrador. A amizade é comparada ao amor para melhor defini-la, mas ambas não podem se igualar, visto que, o amor colocado no alto do cume, se encontra a beira do abismo, portanto a queda e a morte podem ser inevitáveis, justamente por estar em um lugar que apresenta grande risco. A amizade, porém, situa-se mais abaixo, não apresentando tantos riscos como o Amor. Para melhor compreender a amizade, o amor é descrito de forma comparativa e analógica. Enquanto aquela tem por característica principal, o mistério, o amor tem um conhecimento integral do outro, tornando-o exaustivo.

A narrativa em estudo é marcada por comparações e analogias que podem ser constatados pela própria fala do narrador. Ele emprega esses recursos para conversar com o leitor e esclarecer que dará continuidade a tais recursos durante sua escrita sobre seu amigo. É possível destacar ainda a presença de um narrador-personagem em que ora fala descrevendo os fatos, ora participando dos diálogos narrados e da história contada.

A crônica *Orfandade*, que também compõe o livro *Linha D'Água*, é iniciada de forma semelhante a crônica *Um Amigo*, desde sua temática até outros elementos que compõe a narrativa.

No início, o que logo se observa é que o narrador fala com a mesma pessoa retratada na primeira narrativa já analisada, ou seja, direciona o diálogo para alguém, cuja relação percebida é de amizade entre os dois, para isso, ele utiliza dos mesmos recursos da fala já utilizados, certificando ao leitor que se trata, ainda, de relatos da relação de amizade em que o narrador personagem mantinha com seu amigo. No primeiro parágrafo, seu amigo lhe pediu, novamente, para que escreva sobre um assunto, e agora, o tema solicitado é a orfandade.

Respondendo ao pedido de seu amigo, no segundo parágrafo, o narrador personagem argumenta que, para um escritor escrever sobre determinado assunto, é necessário que ele tenha vivenciado, ou seja, passado por tal experiência, cujo relato se faz, e não somente isso, mas que adicione elementos ficcionais que possam realçar o texto. E ele assim o faz, pois jamais soube o que era ser órfão. L. Ruas, além de escrever temas cotidianos, característica comum a crônica, faz menção às características relevantes a um cronista, bem como os elementos necessários para produzir uma crônica, tal como Coutinho define o que vem a ser o gênero crônica também já apresentado na presente pesquisa.

O narrador expõe ao leitor o relacionamento forte que mantivera com sua família durante muito tempo, e que, portanto, nunca soube o que era ser órfão. Ao contrário nos mostra como o relacionamento familiar firmado no amor fraternal une as relações familiares, e que momentos bons e ruins fazem parte dessa relação.

No terceiro parágrafo, o narrador personagem vai estabelecer a diferença entre o amor fraternal, ou seja, aquele estabelecido nas relações familiares e o amor entre amigos, o qual desencadeia a amizade. A perda de ambos estabelece um sentimento de medo. Porém, o primeiro "é um medo sem esperança alguma", enquanto que o segundo é um medo esperançoso, pois a família é insubstituível, ao passo que um amigo é mais fácil de ser substituído e os pais não.

Conclui-se que, em ambas as crônicas, as relações de amizades são descritas pelo narrador e comparadas a outros tipos de relações para melhor defini-la, e assim são comparadas ao amor entre um homem e uma mulher ou o amor entre pai e filhos.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Crônicas narrativas, históricas, jornalísticas e líricas compõem a obra que foi pesquisada. L. Ruas utiliza-se das crônicas do tipo narrativas para tecer histórias do cotidiano, normalmente contadas por ele em primeira pessoa. Além deste tipo de narrador em primeira pessoa, são escritas as crônicas jornalísticas e ao mesmo tempo líricas que consistem na apresentação de notícias ou fatos baseados no cotidiano e na apresentação de uma linguagem poética e metafórica em que predominam o despertar de emoções e sentimentos. Neste caso, o sujeito que escreve se assemelha a um eu lírico ou se comporta como um jornalista que narra um acontecimento afastando-se no problema apresentado.

Assim, dentre as várias crônicas que compõem a obra, há também aquelas que são históricas e reflexivas, sendo as primeiras construídas com base em fatos reais ou históricos, sendo as segundas a reflexão de vários assuntos, e nestas últimas o autor apresenta temas sobre a arte de viver, bem presentes na obra. L. Ruas ora fala da amizade, ora da arte de viver, ora faz críticas sociais e para isso se utiliza de vários tipos de crônica, como bem já foi observado, e o faz para melhor expressar os temas por ele selecionados.

Na segunda e última parte da pesquisa foi feita a separação das crônicas do livro *Linha d'água* por temas, após o que se escolheu o tema da amizade para ser analisado, juntamente com os processos estilísticos realizados por L. Ruas na construção de seu texto, sempre visando à ideia de que a crônica é um texto escrito para ser publicado no jornal e que o leitor desse meio de comunicação é diferente e variado, e que, por isso, o escritor trabalha os temas com uma linguagem literária leve e descontraída, sem se descuidar da boa qualidade do texto.

REFERÊNCIAS

MENDONÇA, Roberto. (org.) *Intérpretes de Aparição do clown*. Fortaleza: Realce editora e Indústria Gráfica, 2010.

_____. [org.] *L. Ruas - poesia reunida*. Manaus: Travessia, 2013.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1992.

_____. *A análise literária*. 17 reimpressão da 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

COSTA PINTO, Manuel [org. e apresentação]. *Crônica Brasileira contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2005.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de narratologia*. 7 ed. Coimbra: Almedina, 2011.

RUAS, Luiz. *Linha d'água*. Rio de Janeiro: Editora Artenova; Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1970.

TELLES, Tenório & KRUGER, Marcos Frederico. *Poesia e poetas do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2006.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.